

VENINA MELLO XAVIER



1290000137



TCC/UNICAMP M489m

MODERNIDADE E ESCOLA

CAMPINAS, S.P.
1999

VENINA NOÉMIA AMARAL E MELLO XAVIER

Modernidade e Escola

Trabalho de Conclusão
de Curso apresentado como
exigência parcial para o curso de
Pedagogia com habilitação em
Administração Escolar da
Faculdade de Educação, Unicamp,
sob a orientação da Prof.a. Dra.
Eloisa de Mattos Höfling

CAMPINAS, S.P.
1999

FOLHA DE APROVAÇÃO

PROFESSORA ORIENTADORA DRA. ELOISA DE MATTOS HÖFLING

2.^a LEITORA PROFESSORA DRA. PATRIZIA PIOZZI

**CATALOGAÇÃO NA FONTE ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP**

M489m

Mello Xavier, Venina Noemia do Amaral.
Modernidade e Escola / Venina Noemia do Amaral Mello
Xavier. -- Campinas, SP : [s.n.], 1999.

Orientador : Eloisa de Mattos Höfling.
Trabalho de conclusão de curso - Universidade Estadual
de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Modernidade. 2. Escola. 3. Globalização. 4.
Infância. 5. Programa de Educação Pré-Escolar. I. Höfling,
Eloisa de Mattos. II. Universidade Estadual de Campinas.
Faculdade de Educação. III. Título.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais pela confiança e incentivo.

A minha irmã Milarca Yasmim pelo apoio e amizade.

A professora Eloisa de Mattos Höfling, pela força dedicação e pelas valiosas orientações.

A professora Patrizia Piozzi pela leitura atenta deste trabalho.

A todos amigos e colegas da turma 95 de Pedagogia.

Aos professores da faculdade de Educação da UNICAMP, com os quais cursei as disciplinas e que orientaram sobre a importância da Educação.

Ao Paulo Alexandre Nunes força, e seu amor infinito.

Ao Ademilson e Lavinia pela amizade e apoio

"se não morre aquele que escreve um livro
ou planta uma árvore, com maior razão não
morre o educador que semeia a vida e
escreve na alma."

Bertold Brecht

SUMÁRIO

FOLHA DE APROVAÇÃO

Agradecimentos

I - O que é modernidade?

II- Modernidade hoje – Globalização

III- Escola e modernidade

IV- A Infância e a modernidade

V- Conclusão

Referencias Bibliográficas:

I- O QUE É MODERNIDADE?

As diversas leituras sobre o tema me fizeram chegar a reflexão de que:

- A modernidade supõe uma reflexão sobre o tempo; pois não existe para ela um tempo homogêneo / semelhante, linear para que possamos fazer um recorte e fixar uma data determinada, inicial; e embora se deseje uma superação da mesma não se registra efetivamente que tenha um fim.

Vê-se, portanto, que a noção de Modernidade, quer se tente defini-la em termos de constância, quer seja ligada a uma unidade de duração, assume, em princípio, um carácter arbitrário, sendo capaz de assumir valores temporais os mais variáveis.

Aqui o que pretendo salientar, não é a Modernidade, no sentido estrito (seja ela definida através de um critério de vivência individual, seja através de um critério mais amplo), mas qualquer intervalo de tempo no qual se possam ser estabelecidas relações entre determinados aspectos.

A prioridade deve ser dada ao próprio empreendimento explicativo e não a uma definição pré - concebida da modernidade.

São as necessidades da explicação que propõem, de modo mais flexível, estabelecer, em cada caso, a extensão temporal adequada; ou seja um tempo moderno que não se refere a uma data específica mas a características inerentes dos próprios eventos a estudar, à constância de seus fatores determinantes ou à dimensão da categoria escolhida.

Assim cada sociedade tem um referencial, com determinada época e ou período histórico no qual ocorrem transformações decorrentes da ação humana.

E mais ainda, " os ambientes e experiências modernos cruzam todas as fronteiras da geografia e da etnicidade, da classe e da nacionalidade, da religião e da ideologia; nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une toda a humanidade . Mas trata-se de uma unidade paradoxal, uma unidade da desunidade" (Harvey, 1992)¹

Assim, mesmo ao deparar-me com a complexidade e generalidade da idéia de modernidade, acredito ser indispensável para meu trabalho como educadora, seguir intensamente na busca crucial da melhor compreensão das origens de mudanças sociais, culturais e até mesmo políticas da sociedade, de forma geral e em particular da escola; pois acredito que esta deveria levar em conta respectivamente a criança como ser individual e como ser social, para isso precisa estar consciente da situação social , temporal que se apresenta, em vez proceder de forma abstrata e alheia a que seus educandos vivem, ou necessitam em decorrência de suas vivências.

Para dar seqüência a essa discussão sobre a modernidade passo em seguida a uma demarcação ou reconstituição das origens da noção da modernidade e sua evolução ao longo dos anos para que de alguma forma se consiga chegar a sua definição .

Deste modo , nota-se em primeiro lugar , que a modernidade, tempo moderno está historicamente ligado ao fim da idade média (século XV) e ; o início do pensamento moderno; à corrente filosófica que opôs a razão humana e a experiência ao raciocínio escolástico; às primeiras descobertas, invenções humanas citadas por Bacon (filosofo inglês do século XVI) como: avanços na medicina, na agricultura, em novas tecnologias militares,

¹ Harvey,1998, pag.21

energia elétrica, redução das distâncias, ampliação do alcance espacial humano, desenvolvimento das comunicações, etc. Enfim, o progresso! A ciência que mudou de forma significativa a vida humana.

Muitos dos livros e autores da Modernidade continuam a apontar o Renascimento como a época da criação da “real” modernidade.

Na verdade se deu sim uma espécie de renovação da “modernidade do passado” graças a força e vitalidade do modo de vida do Renascimento (Kurtz, 1996).

Antes de prosseguir é preciso salientar que estas demarcações da modernidade são muito controversas, e acredito que não se tem exatamente uma data específica.

Autores da modernidade discordam bastante ao ter que definir um momento preciso para demarcá-la.

Atualmente a idéia de modernidade nasce da teia cidadina ou seja; da vida Urbana forma-se principalmente em Paris, em meados do século XVIII juntamente com a idéia de sociologia.

Como registra Berman(1982.15), o indivíduo, cidadão, autônomo, singular que se sintetiza na liberdade ou na solidão caráter particularíssimo de o ser humano se voltar para si mesmo;- o “cocooning” – necessária relação com tempo, espaço, imagem e consumo; tudo isso aparece como uma grande realização do mundo moderno, lado a lado com o desenvolvimento tecnológico.

Por outro lado, a sociedade moderna defende um projeto que tem por objetivo uma melhoria qualitativa e quantitativa da vida humana, embora ela seja ainda organizada de um modo tal que o atendimento das necessidades humanas constitui uma ocupação do tempo integral e da vida inteira, e em especial para as classes menos privilegiadas que são, não - livres e impedidas de ter uma vida mais digna.

Assim, segundo Méri Rosane Santos da Silva(1997) as características da sociedade moderna seriam: desenvolvimento cada vez maior das forças produtivas, aumento nas conquistas da natureza, crescente satisfação das necessidades impostas e socialmente construídas a um numero cada vez maior de pessoas, e em geral o estabelecimento de necessidades e aspirações novas, associadas porém a um crescimento da pobreza, fome, destruição nos países do Terceiro Mundo, assim como um declínio ambiental e econômico global e aumentos da corrupção.

Porém o termo “moderno” tem uma história mais antiga; Habermas (1983.9) indica que o projeto da modernidade entrou em foco durante o século XVIII.

Esse projeto equivalia a um extraordinário esforço intelectual dos pensadores iluministas “para desenvolver a ciência objetiva, a moralidade, as leis universais e a arte autônoma nos termos da própria lógica interna destas”. A idéia era usar o acúmulo de conhecimento gerado por muitas pessoas trabalhando livre e criativamente em busca da emancipação humana e do enriquecimento da vida diária. O domínio científico, da natureza prometia liberdade da escassez, da necessidade e da arbitrariedade das calamidades naturais.

O desenvolvimento de formas de organização social e de modos racionais de pensamento, a libertação das irracionalidades do mito, da religião, da superstição, liberação do uso arbitrário do poder, bem como do lado sombrio da nossa própria natureza humana.

Somente por meio de tal projeto poderiam as qualidades universais, eternas e imutáveis de toda a humanidade ser reveladas (Ianni, 1988).

Além disso, sociedade Moderna contemporânea aparece centrada na perspectiva de que o homem deve ser justificado pela sua produção e consumo.

Enfim a modernidade tem em si muito do que chamaríamos de ambigüidade ao mesmo tempo que ela quebra com o anterior, ela

necessita dele para se erguer. “ Ser moderno é viver uma vida de paradoxo e contradição” (Marshall, 1986).

A modernidade caracteriza uma época; caracteriza simultaneamente a força que age nesta época e que faz com que ela seja parecida com a antiguidade (Walter Benjamim, 1940).

A modernidade possui um significado fundamental de luta de conceitos, contrastes, é pois um movimento para um novo estado de coisas impulsionado por uma grande imprecisão; assim, entende-se por **modernidade uma designação abrangente de todas as mudanças - intelectuais, sociais e políticas – que criaram o mundo Moderno.**

Um outro termo muitas vezes apontado erroneamente para essas mudanças é o modernismo e que segundo Robert Kurtz se refere a um movimento cultural que surgiu no Ocidente em fins do século XIX.

Estes dois termos são distintos mas bastante interligados.

A industria cultural moderna, ao dificultar a emancipação, o esclarecimento dos sujeitos, a sua autonomia decisória, a formação de sua consciência crítica, acaba por colocar em risco a própria preservação da sociedade democrática.

A presença crescente dos produtos da "Industria cultural" no cotidiano escolar não raras as vezes informando a própria prática pedagógica, vem se constituindo num possível contra ponto à origem histórica emancipadora da escola de massa, pois essa industria, ao bloquear a formação da consciência crítica, negando as desigualdades sociais, resolvendo os conflitos na aparência como mágica (sem mediações), transferindo conflitos para o consumidor que, ao se ocupar deles, não se ocupa de seus próprios conflitos, acaba por cristalizar essas mesmas desigualdades sociais (Armelina,1999).

Alguns autores apontam porém que a Idade Média cristã é também responsável pela invenção da idéia de modernidade. Pois a modernidade seria fruto do desencantamento do mundo, ou seja da racionalização das diferentes esferas da vida social. A pluralidade de pensamentos, religiões, culturas teria a sua origem nesse desencantamento décadas atrás.

Mas nessa mesma época as relações entre cristianismo e a modernidade se restringiram à França e aos países de tradição católica, deste modo a religião era o passado, o obscurantismo; a modernidade era definida como o triunfo das luzes, da razão sobre a irracionalidade das crenças (Alain Touraine, 1994) .

Nietzsche (1844-1900) escreveu: “No cristianismo, nem a moral, nem a religião têm qualquer ponto de contato que seja com a realidade[...] esse mundo de pura ficção se distingue do mundo dos sonhos por uma característica que lhe é altamente desvantajosa, ou seja, que o mundo dos sonhos reflete a realidade, enquanto que o outro nada faz além de falsificá-la, desvalorizá-la, negá-la” (IN Anne Amiel, 1990).

No campo da religião, também chega a modernidade e o seu lado ambíguo, ao romperem-se as fronteiras, ao aproximarem-se diferentes culturas verificamos um explodir de diversos grupos religiosos. E ao mesmo tempo que se tenta derrubar certos mitos, crenças ou religiões, de certo modo as condições sociais vigentes intensificam a necessidade da religião como forma de superá-las ou até mesmo justificá-las.

O cristianismo adota uma visão escatológica da história, ou seja, toda a história passa a ser interpretada do ponto de vista de seu fim , ou consumação final, ou da eternidade, e tudo o mais é preparação ou espera.

A busca da redenção em Cristo confere sentido à história humana (Kumar, 1997).

God is a concept
By wich we measure
Our Pain

1997:91). Sobre essa expectativa se criaram várias teorias e surgiram autores apontando para o fim da modernidade. Mas o que se pode concluir deste fim é que a modernidade econômica está morta, porque sua base era a industrial, que hoje foi substituída por uma sociedade informatizada que se funda na hegemonia do setor terciário, o que significa que passamos para um sistema pós- industrial. (Sérgio Paulo Rouanet : 1987).

Mas, estas marcações de modernidade são “artificiais”, e cada vez mais contestáveis; pois as grandes rupturas operadas pelo pensamento humano não se devem nem a um único fato , nem se processam num único momento histórico; são consequência de um processo complexo em que situações e idéias se chocam e se transformam noutras situações e idéias. Sendo assim, estas transformações não se dão sem conflitos, pois atingem o homem em todas as suas dimensões de sujeito, (em relação com os outros, com o mundo, coisas e a si próprio).

Assim Rouanet afirma que Não existe portanto uma ruptura entre essas duas “épocas históricas”.

O sonho pós-moderno seria um prolongamento do sonho moderno que continua adormecido embora haja essa vontade de ruptura por muitos críticos, artistas, etc.

O século XVIII não trouxe somente a tona mudanças religiosas secularizadas: os tempos/estágios modernos deixando de ser cópias inferiores ou superiores de tempos antigos; ou até mesmo a última etapa de história da humanidade e passam a significar o rompimento completo com o passado, um novo começo com princípios originais, o ingresso à um tempo futuro, um tempo de progresso na evolução da humanidade.

A revolução Francesa, de 1789 marcou o “Renascimento” da modernidade. Ela marca mais fortemente a modernidade. Segundo Kumar traça em termos gerais a obtenção da liberdade sob orientação da razão.

Uma época marcada por pluralidades de pensamentos, e em constantes formações da realidade .

A Revolução Francesa é então um dos principais vetores, de uma nova consciência, a idéia de modernidade que na sua forma mais ampla, segundo Touraine, foi a afirmação que o homem é o que ele faz, e portanto, deveria existir uma correspondência cada vez mais estreita entre a produção, tornada mais eficaz pela ciência, tecnologia ou a administração, e a organização da sociedade, regulada pela lei e a vida pessoal, animada pelo interesse, e também pela vontade de se liberar de todas as pressões, (Touraine, 1994) Tudo isto anunciando um objetivo único de obtenção de liberdade sob a orientação da razão.

Posteriormente, com a Revolução industrial, na Inglaterra, torna-se possível pensar no mundo moderno como um mundo também industrial; Assim a modernidade é tanto uma questão de idéias e atitudes quanto de técnicas. A revolução industrial, segundo Manacorda evoluiu rapidamente e em especial na Inglaterra; essa evolução mudou não só os modos de vida dos homens, mas atuou transformando, junto com os processos de trabalho, as suas idéias, a moral, e com elas, as formas de instrução.

A modernidade cria o conceito de tempo (humano e histórico); este torna-se algo importante não só para demarcar épocas mas também para se controlar o período de tempo para produção.

No século XIX o mundo presenciou um considerável aumento do comercio e dos investimentos sob o comando de uma Inglaterra liberal, enquanto a adoção em escala internacional do padrão - ouro criou a ilusão de uma estabilidade financeira interna. Mas um grave abalo social acompanhou esse processo e o levou ao seu termino, causando no início do século XX, a grande reviravolta política social que culminou com o colapso da economia mundial e a deflagração das duas guerras mundiais.

A modernidade que estamos vivendo atualmente nos direciona para uma cultura do novo, do progresso, da constatação da mudança.

Suas abordagens primordiais não se esgotam com o poder econômico, nem com o desenvolvimento da técnica: são quase que revoluções em todos os segmentos que se pretende alcançar.

O que se torna significativo é o papel da educação em preparar os cidadãos para enfrentar essas mudanças que já estão ocorrendo em todos os níveis da sociedade.

A modernidade relaciona-se com a necessidade de mudança social e associada a isso o desafio , o medo do desconhecido, da destruição dos sonhos, dos fatos passados e pela imposição de tendências no tempo atual.

Segundo Otávio Ianni (1988) o mundo Moderno a Modernidade tem na sociologia fonte de explicação, pois os impasses e as perspectivas desse mundo-moderno tanto percorrem a sociologia como ela o percorre.

Na sociedade Moderna, a sociologia, aparece como substituto racional da religião, retira o revestimento religioso, atinge a voz na sua verdadeira sintonia e , assim, chega à realidade: a sociedade.

Assim, e de acordo com o mesmo autor a sociologia nasce em um dado momento da história do mundo moderno, a partir do século XVIII e em forma mais acentuada e generalizada no século XIX, época que se verifica um grande desenvolvimento, em que já se revelam de forma mais clara certas forças sociais.

Época onde os personagens mais característicos das configurações humanas, originalidade e impasses da sociedade civil se modelam; surgem

movimentos sociais, grupos, divisões de classes e partidos políticos fortes; desenvolvimento da tecnologia, mercado, força de trabalho, lucro, acumulação de capital, mais-valia, etc. (Ianni, 1988)

Pode se acrescentar ainda que a modernidade também nos traz uma outra amplitude espacial, ao se romperem os limites nacionais.

A mundialidade é parte do presente das sociedades e por isso mesmo, temos acesso a outras culturas, localidades, religiões a que as escolas deveriam estar atentas e não ignorá-las continuando a pôr como únicas e verdadeiras seus velhos conceitos.

A modernidade significou em parte a perda da liberdade mas também um ganho de autonomia.

Não é possível lutar contra a modernidade repressiva senão usando os instrumentos de emancipação que nos foram dados pela própria modernidade: uma razão autônoma, capaz de desmascarar as pseudolegitimidades do mundo sistêmico, uma ação moral autodeterminada, que não depende de autoridades externas, e uma ação política conscientes, baseada em estruturas democráticas que pressupõem uma razão crítica e uma vontade livre (Rouanet , 1987).

A modernidade é vista, então, dentro da perspectiva de um novo processo dinâmico a partir de um estágio que já se salientou com propriedade ser histórico, no sentido de ser um passado já vivido e experimentado, isto é, o moderno, que embora possa ser o presente atual dos países avançados, não foi ainda experimentado ou vivido pelas sociedades latino-americanas e africanas contemporâneas expostas ao processo de modernização (Eisenstadt , 1968).

II- Modernidade hoje – Globalização

A modernidade é vista como um modelo de adoção, por parte de certos setores da sociedade, de padrões de comportamento, consumo, valores, atitudes, típicos das sociedades avançadas, sem mudança estrutural no quadro institucional básico e no nível econômico (S. Einsentadt, 1968).

Entre as diversas formas de modernidade surge na atualidade um novo termo, que pretende explicar a sociedade: a globalização.

A economia globalizada tem em si inúmeras desigualdades, e pobreza endêmica. As rápidas mudanças tecnológicas e o estreitamento da economia internacional estão desgastando os mercados de trabalho dos principais países industrializados; simultaneamente, pressões sistemáticas estão impedindo o ângulo de ação de todos os governos de reagir com novos gastos, assim precisamente no momento em que os trabalhadores mais necessitam do Estado-Nação como amortecedor do impacto da economia mundial, ele os abandona.

Etham, afirma que o fracasso atual do capitalismo global avançado em manter a distribuição de riquezas é desafio não só para os responsáveis pelas decisões políticas como também para a moderna ciência econômica : " a várias gerações de estudantes ensinou-se que o aumento do comércio e dos investimentos, aliado ao desenvolvimento tecnológico, serviria para impelir a produtividade nacional e a criação de riquezas" (Etham, 1993).

No entanto apesar do grande desenvolvimento nestas áreas, na última década a produtividade diminuiu e agravaram-se as desigualdades nos Estados Unidos e o desemprego na Europa; já nos países de terceiro mundo a situação é cada vez mais penosa.

Com o fim anunciado da era do Estado, se dá uma retirada do apoio/assistência, assim como o rompimento do contrato social (pleno emprego e amplo bem estar social); a economia emergente global poderá facilmente entrar em colapso. A integração econômica internacional não é um fato inalterável da vida, mas se aprofundou por uma série de decisões políticas tomadas pelas principais potências industriais no decorrer dos últimos 45 anos; decisões estas que apesar de beneficiarem a economia mundial como um todo, começaram a ter conseqüências negativas; por um lado, está aberta e é mais competitiva, por outro, é formado por países fiscalmente conservadores; com isso populistas e demagogos de várias nuances encontraram no protecionismo e na xenofobia suas "soluções" para os problemas econômicos contemporâneos.

A crescente desigualdade de rendimentos, a insegurança no emprego e o desemprego são vistos como sendo o lado negativo da globalização, esta percepção necessita ser modificada caso os líderes ocidentais queiram manter o sistema internacional anteriormente criados.

A difusão do dogma fiscal restritivo está minando o acordo implícito entre governos e trabalhadores dos países industrializados. Os governos, estão dizendo aos trabalhadores que já não podem arcar com as incumbências do acordo pós-guerra e então precisam restringir suas obrigações.

A economia global posterior a segunda guerra mundial foi o resultado de uma série de decisões políticas conscientes tomadas na crença de que um maior intercâmbio econômico favoreceria a paz e a prosperidade mundiais.

Os dirigentes do pós guerra (I e II guerras mundiais) estavam comprometidos com a reconstrução da economia mundial, mas desta vez com diferenças significativas, tendo aprendido com a experiência, os estadistas de 1944 visualizaram uma economia mundial liberal que

mantivesse um papel doméstico ativo para o Estado a fim de assegurar que a justiça e o crescimento avançassem lado a lado; a nova economia mundial incluiria portanto, tanto componentes domésticos quanto internacionais, e o Estado supervisionaria a maior parte dos aspectos da vida econômica.

Criaram-se regimes internacionais para o dinheiro e para as relações comerciais que atendessem às preocupações políticas e econômicas internas. E, ao criarem um sistema monetário internacional com a finalidade de evitar as incessantes rodadas de desvalorizações monetárias competitivas, criaram o Fundo Monetário Internacional (FMI) como provedor de empréstimos de última instância no caso de eventuais emergências de balanço de pagamentos. Ao construir-se um mercado comum Europeu para promover o comércio e o investimento regionais, também permitiram que os países mantivessem considerável autonomia na área da política social (CEE).

As crises do petróleo de 1973-74 e de 1978-79 golpearam os países industrializados, provocando a "estagflação" essa insidiosa mistura de estagnação e inflação.

Foi o começo da crise do estado do bem estar social.

A partir dos anos 80, os governantes estão tentando romper os acordos pós-guerra, e ao mesmo tempo, tentar manter seus compromissos com uma economia aberta. O que torna suas propostas viavelmente impossíveis de se atingir ao mesmo tempo.

O fato de o setor industrial não ter gerado novos empregos e sim reduzi-los em virtude das novas tecnologias foi uma das principais causas dos problemas econômicos da classe operária como também, de muitos problemas sociais.

Muitos países estão sofrendo as conseqüências em termos do aumento da criminalidade, de abuso do uso de drogas, do aumento da

violência contra os imigrantes e da crescente popularidade dos grupos políticos extremistas. E que sem sombra de dúvidas afetam as instituições escolares.

Paralelamente um declínio dramático ocorre no número de trabalhadores sindicalizados.

Os movimentos sindicais perdem sua influência política e as consequências dessa perda - na forma de salários e benefícios menores para trabalhadores não especializados, maior insegurança de emprego e menos interesse por parte dos políticos pelos perdedores da economia- não devem ser esquecidas. Infelizmente seu papel histórico no desenvolvimento da igualdade social e econômico já foi simplesmente esquecido.

Intensos debates surgem quanto as causas de todo esse caos, onde as suas soluções não precisam aguardar o consenso entre os economistas quanto as suas causas; dois réus ressurgem novamente, o comércio e a tecnologia, aliados a um terceiro réu, que embora seja citado por poucos economistas, tem sido chamado a discussão por inúmeros jornalistas e políticos, a imigração.

Independentemente de qual explicação é a mais importante, permanece o fato de que há sempre quem ganha e quem perde com a mudança tecnológica, o livre comércio e a imigração.

A justificativa da economia aberta é que, para o país como um todo, os ganhos serão superiores aos prejuízos: conseqüentemente os ganhadores poderão compensar os perdedores. Essa compensação forma medidas de curto prazo, como programas de ajuste comercial, que fornecem o seguro- de - desemprego, retreinamento e até mesmo um apoio financeiro para a transferência para outra cidade.

Criam-se por isso cursos de requalificação profissional, mesmo sendo um bom investimento, o retreinamento, é proibitivo, em virtude do seu alto custo e possibilidade de se oferecer a todos os desempregados; por isso mesmo esses programas estão sendo reduzidos.

Ao mesmo tempo, em países com estrutura federal, onde se imaginava que os governos estaduais assumiriam uma maior parte dos ônus públicos, as crises locais e a rigidez fiscal impediram que isso acontecesse.

Em conclusão a toda essa problemática, pode-se dizer que embora a requalificação e treinamento se tenham tornado a menina dos olhos dos economistas e dos funcionários públicos, - da direita à esquerda do espectro político, tendo em vista que, na melhor das hipóteses, ele é capaz de fornecer uma resposta apenas parcial aos problemas dos trabalhadores demitidos, pelo menos até onde alcançam os conhecimentos do economistas, no momento, a respeito do que funciona no nível atual dos gastos públicos;- não pode ser considerado uma solução em si.

Para desenvolver soluções positivas é importante, reconhecer que os índices cada vez menores de crescimento econômico, causados em larga escala por uma diminuição da produtividade estão prejudicando todos os trabalhadores. O debate em torno do orçamento federal é um caso de ideologia prevalecendo sobre a teoria econômica. Não existe, na realidade, nenhum motivo para que o orçamento equilibrado precise sempre ser favorecido em detrimento de gastos deficitários Keynesianos.

Assim, se afirma que não existe nenhuma relação direta entre os gastos deficitários e a inflação (Japão); ou seja, não existe razão para um afrouxamento fiscal moderado geral, necessariamente, uma taxa alta de inflação. Para atenderem os problemas crescentes dos trabalhadores, os governos precisam desenvolver um pacote coerente de políticas e programas econômicos apoiados por uma coordenação política internacional capaz de gerar uma retomada do crescimento.

Tal estratégia levará a um afrouxamento fiscal, exigindo maiores custos, mas serão mais graves as conseqüências se não se tomarem medidas urgentes; políticas monetárias e fiscais devem ser estruturadas de maneira a cumprirem a promessa fundamental de que os trabalhadores possam ganhar um salário que os sustente.

Obviamente, a combinação apropriada de políticas a serem adotadas variará de país para país. O argumento de que as atuais restrições fiscais devem ser mantidas, não tem mais validade; a questão crítica do lado fiscal é como os governos gastam o dinheiro; como ocorre com os investimentos das empresas, existe uma diferença entre os investimentos que tendem a resultar em benefícios a longo prazo e os que eqüivalem a jogar dinheiro pelo ralo.

Aumentar os gastos com ensino e treinamento parece ser a única opção a contar com a aprovação universal, todavia ela é incapaz de dar a curto prazo resultados satisfatórios e soluções imediatas para os problemas do desemprego e da desigualdade. Uma outra opção é a de se aumentar o número dos postos de trabalho por meio de programas de obras públicas ou, subsidiar o setor privado para a criação de novos empregos. Além disso, os gastos com obras públicas compensariam o efeito fiscal dos cortes dos gastos militares, que em muitos países ocupam grande parte do orçamento público.

Nenhuma fórmula isolada seria capaz de produzir um conjunto ideal de reformas políticas, cada país deverá criar as políticas para suas necessidades, a luz de um esforço internacional unificante.

Em resumo para que a globalização seja um processo vitorioso e menos injusto, os dirigentes de todos os países precisam desmentir aqueles que afirmam que ela é contrária aos interesses dos trabalhadores. E a melhor maneira de o fazer é restaurando o crescimento e as

oportunidades. Os dirigentes precisam ainda reconhecer as falhas das políticas que vem implementando há 20 anos e agir de acordo com esse reconhecimento, se não o fizerem poderão por em risco todo um futuro de esperanças maiores e melhores da humanidade.

Tendo em vista toda esta problemática da Modernidade, em relação ao ensino escolar, acredito que devemos em primeiro lugar nos questionarmos enquanto educadores sobre: Que cidadão se espera que o aluno seja frente a mundo em que está inserido? E que o que seria educação e para o que se destina?

Acredito que ela deveria se preocupar em preparar um indivíduo pensante, crítico, que perante cada novo desafio prático ou teórico, pára e reflete, perguntando-se pelo significado de suas ações futuras e, progressivamente, das ações do coletivo onde ele se insere.

Por isso a importância de não se reproduzir o " passado (conteúdos que se repetem) pelo passado, mas debruçar- mo- nos sobre o passado porque aí se encontra o embrião do futuro.

Vive-se intensamente o presente na medida em que se constrói o futuro, buscando no passado sua germinação.

A escola, habitando o mundo da produção econômica, age e sofre a ação de suas leis.

Se a escola pretende ser "realista" e é aí determinada e determinante, também o são seus componentes (currículos, trabalhadores, burocracia, existência material, legislação, alunos, etc.), o que faz com que se revista de algumas possibilidades e outras limitações qualquer atuação pedagógica.

Segundo Michael Apple, as escolas democráticas vão além das chamadas escolas progressistas, que se preocupam apenas com uma visão humanista, centrada na criança- sua visão se estende além da melhoria da auto-estima do aluno e do clima escolar.

E portanto educadores democráticos se preocupam não simplesmente em reduzir a dureza das desigualdades sociais mas também mudar as condições que criaram estas desigualdades.

No mínimo, eles entendem que todas as possibilidades que podem surgir de experiências democráticas nas escolas podem desaparecer pelas forças de fora delas (Gutmann, 1987).

III- Escola e modernidade

Introdução:

A creche, que surge e se desenvolve paralelamente à evolução da família moderna, apresenta características incompatíveis com um modelo de família que tomou como natural a sua responsabilidade exclusiva pela criação e educação dos filhos. Tal modelo cristalizou o mito do amor "espontâneo" e "natural" de toda mãe pelo filho; restringiu a identidade da mulher ao bem-estar físico, social e psíquico da criança; exacerbou a importância do vínculo afetivo entre pais e filhos; considerou artificial e inadequada qualquer alternativa de cuidado da criança que não ocorra no lar e pela própria mãe ou substituta; dispensou a rede de apoio da comunidade restringindo - se à unidade familiar rumo a construção de sua auto-suficiência (Lenira Haddad, 1993).

A vinculação da creche a Pré-Escola, num mesmo sistema educativo, implica a adoção não apenas de propostas pedagógicas adequadas ao desenvolvimento infantil, mas sobretudo de uma nova postura em relação à oferta e implantação de creches e Pré-Escolas no país, que as reconheçam como equipamentos permanentes e não emergenciais (Haddad, 1993).

Desta forma surge a necessidade de se trabalhar em instituições onde se possa ter acesso a uma educação que leve em conta uma necessidade de modificação no processo de ensino - aprendizagem convencional, e introdução de formas de ensino inovadoras ou não, mas que possibilitem acima de tudo a preocupação em educar para o presente.

Neste intuito , incluo em meu trabalho O PROEPRE, que se fundamenta na concepção de homem como um ser livre capaz de se auto-construir, compreendido como um "ser- no – mundo", comprometido com a construção de si mesmo (história individual), atuante e engajado na sociedade da qual participa(história social). Já que o considero como um

possível resultado de conquistas valiosas, já citadas ao longo do trabalho, da humanidade ao longo da modernidade.

Em termos práticos, quando a criança chega à escola, traz consigo uma bagagem construída de acordo com as trocas realizadas ao seu redor; é importante que a escola (por meio de seus profissionais) sintonize com o que cada uma delas traz, envolvendo-se assim em relações recíprocas promotoras da evolução. Esta bagagem que a criança carrega em si seria decorrente de forma mais estrita a sua vivência social e em geral da evolução da humanidade.

Hoje, as mudanças que estão se produzindo no momento atual no campo da ciência, não se delimitam ao mundo do trabalho, lazer, consumo mas alcançam a própria educação institucionalizada.

Verificamos que no programa de educação Infantil e fundamental, se tenta trabalhar com conteúdos escolares –atualizados- de forma mais significativa tanto para os seus educandos quanto para o total dos profissionais em educação dentro de suas escolas, ele possui como idéia central do seu trabalho os diferentes níveis de conhecimento descritos pela teoria piagetiana

(conhecimento físico- ação sobre o objeto, envolve conhecimento de coisas; conhecimento lógico-matemático- conhecimento que só se aplica estabelecendo relações sobre as coisas; conhecimento social – o que é transmitido socialmente, cultura, folclore, etc.; conhecimento simbólico – linguagem, desenho, manifestações do pensamento.) buscando o resgate do passado, presente e futuro da história da humanidade, como também buscando nas invenções da modernidade do homem a contextualização de seus objetivos; que em termos gerais se propõem em chegar a uma forma de ampliação dos horizontes, do desenvolvimento, e da própria humanidade, de uma forma mais coerente e até mais justa.

“ A metodologia Piagetiana pressupõe que a Pré – Escola ofereça oportunidades para a alternância entre o trabalho individual e o trabalho em

grupo, pois ambos são indispensáveis para o desenvolvimento psicossocial da criança. Com efeito, não é possível propiciar a atividade intelectual, baseada na atividade individual espontânea, sem o intercâmbio das crianças entre si e com a professora" (Assis, pg. 48, 1993).

Assim, a aplicação ao ensino desta maneira de contemplar a educação conduziria a uma alteração no o que se entende por aprendizagem e dos conhecimentos que constituem sua matéria prima.

Desta forma, o PROEPRE se distingue de outras propostas de ensino ao não pretender ignorar estas novas formas de conceber a ciência- e o mundo – que já são de alguma forma predominantes no momento atual. "As mudanças que a escola precisa devem ocorrer no sentido que marca a nova idéia de ciência, sob pena de estar preparando um aluno para um futuro inexistente e proporcionando-lhe uma formação intelectual que não está ao nível das necessidades da sociedade em que terá de viver." (Monsserrat Moreno,1994)

O ser humano definido pelo conjunto de suas ações, é, portanto, responsável por elas, pois sempre pode escolher dentre as alternativas que se lhe apresentam e agir em função da escolha feita; assim sendo, ele é essencialmente aquilo que fez.

A educação moral faz parte do conjunto de matérias de ensino e da interação social das crianças entre si e com o adulto. Deste modo a educação moral do PROEPRE supõe que a criança possa fazer experiências morais.

Segundo Piaget(1968) um dos objetivos da educação moral seria o de constituir personalidades autônomas capazes de cooperar.

Essa concepção deve se refletir na formulação dos objetivos, na metodologia e sobretudo na atitude do educador que desenvolve este programa.(Assis, 1999).

O PROEPRE

Descrição:

O PROEPRE, Programa de Educação Infantil e de Ensino Fundamental, baseado na teoria construtivista Piagetiana, busca uma educação para criar pessoas capazes, criativas, inovadoras, descobridoras, inventivas, ou seja, criar a capacidade pessoal de criticar, resistir; ou ainda é intuito deste programa que o aluno ativo seja capaz de descobrir por si próprio, e isso por meio quer de atividades espontâneas, quer por sua interação sócio - afetiva, ou até mesmo pelos materiais que lhe são apresentados pelos professores/escola.

Segundo Palacio(1995) a teoria de Jean Piaget nos ilustra o conceito de desenvolvimento de estruturas, analisa cada estrutura bem como a maneira como se passa de uma estrutura menos complexa a uma estrutura mais bem acabada, e insiste sobre o papel ativo da criança e a transformação do objeto de conhecimento através dessa ação transformadora. Tendo em conta as estruturas cognitivas dos alunos, suas necessidades e ansiedades.

Neste processo Piaget distingue 4 (quatro) fatores na evolução infantil: maturação, experiência do ambiente físico, ação do ambiente social e equilíbrio ou auto-regulação, (fator que regula/coordena todos os outros) .

A escola e o professor atuam de forma direta na experiência do ambiente físico, e na ação do ambiente social. (Assis, 1999).

Para isso utilizarei o relato de minha experiência em estágios realizados no decorrer do curso e em particular o estágio realizado em uma

Pré - Escola do município de Valinhos "EMEI Boa Esperança" que utiliza em seu trabalho a metodologia e fundamentos teóricos do PROEPRE

Objetivos:

Tracei como objetivo inicial o trabalho com a interdisciplinaridade, porém no decorrer do estágio após algumas reflexões decorrentes das necessidades mais gritantes dos alunos acabei me encaminhando para o processo das relações sociais; mas não deixando totalmente de lado a questão da interdisciplinaridade, assim como também não ficaram despercebidas outras questões como a educação Matemática, relações de gênero - educação e sexualidade, disciplina, entre outros fatos decorrentes do cotidiano escolar. Estes aspectos são decorrentes, a meu ver, e muito se relacionam com a modernidade, quer pela dimensão racional não religiosa do PROEPRE- procurando atingir valores humanos mais amplos no sentido de haver um maior respeito com as diversas crenças, construções sociais a que ela pertence- quer pela preocupação em olhar a realidade e inseri-la no cotidiano escolar, quer pela preocupação com a formação dos professores no sentido de requalificação profissional, quer pelo objetivo de se tentar construir na criança as bases para um bom encaminhamento nas instituições futuras uma vez que no PROEPRE se procura trabalhar no intuito de construir, criar na criança autonomia, criatividade, enfim um ser Humano, capaz de agir, pensar a partir da realidade em que se inserir.

Assim no que se refere interação sócio - afetiva escolar passarei em seguida para a descrição das atividades realizadas durante o período de estágio realizado no ano de 1999. Deste modo, foram realizadas tarefas com estórias infantis, desenhos, vídeo, pinturas, jornais, revistas, material reciclável entre outros recursos. Porém o presente relatório almeja como tarefa principal clarificar a questão de o trabalho escolar como um todo dentro de atividades - que melhor apontaram o que pretendo neste

projeto, ou seja a relação com a modernidade - realizadas no decorrer do estágio pelo que passarei em seguida à descrição de cada uma delas.

Rotina Diária:

Para melhor entendimento das atividades e o trabalho diário do PROEPRE apresento aqui como é trabalhada a rotina quotidiana do trabalho escolar.

Atividades que organizam a estrutura do trabalho: atividades individuais, uma única criança e o professor, visando atender a necessidade de cada criança; atividades independentes as crianças trabalham sozinhas, visando criar iniciativa; atividades diversificadas visa tomada de decisões (a criança decide que cantinho prefere trabalhar em cada dia) , propicia a autonomia, e deve levar em conta a questão social e temporal.; atividades coletivas são atividades realizadas por todas as crianças ao mesmo tempo sua finalidade é a de propiciar o confronto de pontos de vista diferentes, a discussão, a reflexão , a tentativa de conciliação.

A rotina diária na pré- escola garante a organização do trabalho de forma eficiente e produtiva. É importante para que os objetivos preconizados sejam alcançados.

DESCRIÇÃO / EXPLICAÇÃO DAS ATIVIDADES:

A primeira atividade foi realizada em apenas uma pequena parte do período de aula e se resumiu de inicio em atividade coletiva.

Descrição da Atividade: aproveitando o trabalho de casa que a professora da classe tinha dado aos alunos na aula anterior, o trabalho dos alunos seria trazerem de casa diversos recortes, enfim materiais, de todos os lugares onde se encontrassem números, porém a professora não os instruiu de onde deveriam retirar de o seu trabalho, atividade valia-se não só da apresentação dos números para os alunos como também perceber o que eles já conheciam, e tendo em conta a socialização de cada criança, além de estimular a criatividade de cada aluno. Apareceram imensos

recortes de jornais, revistas, anúncios, embalagens de mercadorias, o que fosse, Alguns alunos não haviam realizado a tarefa, o que de uma forma democrática ficou estabelecido por todos que eles poderiam aproveitar os jornais e revistas da sala de aula e procurar o que se pedia, enquanto a maioria da turma prosseguia o seu trabalho!

Objetivo Geral: Conhecimento social.

Objetivos Específicos: Construção do número.

Tema:

A segunda atividade Foram seguidos os seguintes passos.

Tema: Jogo de adivinhação Ou Sacola- Surpresa.

Objetivo Geral: Conhecimento Físico.

Objetivo específico: Percepção tátil; Discriminação de peso , cheiro; Sensibilidade de tato.

Descrição da atividade: Após o planejamento do dia, as crianças escolhem os cantinhos que pretendem começar o trabalho

A criança precisa identificar os objetos quanto a forma, pelo tato, cheiro.

Numa sacola escura de preferência de pano, colocam-se objetos variados como tampas plásticas de garrafas de refrigerantes, bolinhas de gude, frutas com características diferentes, dados, retângulos, triângulos, círculos (formas geométricas feitas de cartolina ou madeira) etc.

Apartir daqui existem duas possibilidades de trabalho nesta atividade. Na primeira a criança de olhos vendados, deve apalpar, cheirar e, descrever os objetos que retira da sacola. Na segunda possibilidade, colocam-se

dentro da sacola pares de objetos idênticos que a criança deve sem olhar retirar e identificar objeto, posteriormente ela o examinará cuidadosamente e deverá em seguida retirar sem olhar o objeto idêntico.

A terceira atividade, foi realizada buscando superar algumas dificuldades.

Tema: Jogo de combinatória I .

Objetivos Gerais: conhecimento lógico matemático.

Objetivos: O gosto pela matemática pode ser uma consequência natural da evolução do pensamento lógico, assimilado por meio de experiências ricas e criativas (Cunha, 1997).

A experiência lógico matemática implica ação sobre os objetos, pois ela resulta da ação real ou representada que possibilita a interação do sujeito com o ambiente externo (Assis, 1993)

Descrição da atividade: fichas coloridas de papel ou plástico (quatro cores diferentes).

Pedir a criança para ordenar de 2 em 2 ou 4 em 4.

Em seguida perguntar quantas combinações são possíveis, quantas a criança fez, como ela fez e porquê ela fez.

Quarta atividade, Está atividade retomou alguns aspectos do tema anterior

Jogo de combinatória II

Objetivos: desenvolvimento motor/ afetivo

Descrição da atividade: as crianças em duplas ficam de costas e ao comando de alguma criança escolhida ou pela própria professora, farão o que se pede, elas terão que reconhecer as partes do corpo e combiná-las.

A quinta atividade

Tema: Peso - Tartaruga ou Qual é o peso?

Objetivos Gerais: Conhecimento lógico-matemático, percepção tátil, discriminação de peso.

Objetivo específico: seriação

Descrição da Atividade: Tartaruga feita de sucata (garrafa de refrigerante e cartão ou cartolina,

Corta-se a base da garrafa enquanto se molda na cartolina a forma de uma tartaruga, colasse as duas partes.

A tartaruga deve conter vários pesos, por isso ela deve ser preenchidas por diversos materiais(arroz, algodão, feijão, cliques, etc.).

Pedir para a criança ordenar pelas diferenças de pesos.

Em seguida, misturar as tartarugas e pedir que as crianças avaliem e formem pares posteriormente experimentando o peso das peças a criança pode depois identificar as peças mais pesadas e as mais leves, podendo ainda andar pela sala de aula, verificando o peso das diferentes peças para depois dizer o que foi possível carregar, o que foi mais difícil, ou mais fácil ou até mesmo impossível, e assim segue o trabalho...

Sexta atividade : Escrita de títulos com letras moveis

(adaptação da atividade de A. Teberosky e Beatriz Cardoso "Reflexões sobre o ensino da leitura e da escrita p. 147-158 ").

tema: Saci perê e a onça

Foram seguidos os seguintes itens / passos.

Problema: na classe existem separados grupos de acordo com o nível do domínio da língua escrita. Um pequeno grupo que já possui o domínio da mesma e inclusive já se preocupa com ortografia e separação de palavras:(embora se verifique também nelas uma ligeira diferença embora se possa enquadrá-las no mesmo ritmo de trabalho) e outro grupo que se encontra muito mais heterogêneo, onde se inclui crianças com uma escrita parecida a convencional e, ou até crianças que ainda se iniciam na língua escrita.

Sendo portanto, difícil encontrar atividades apropriadas para todas as crianças sem quebrar o ritmo de uma e não acelerar ou passar por cima do ritmo das outras, cuidando sempre do avanço de todas.

Acrescenta-se ainda problemas cognitivos da própria natureza da criança, umas bastante inseguras ou muito dispersas, etc.

Foi uma boa oportunidade para se poder descobrir em que estágio de produção de língua escrita eles se encontravam tendo como suporte os níveis evolutivos (nível pré-silábico, nível silábico, nível silábico alfabético , nível alfabético) descritos por Emilia Ferreiro, não querendo com isso afirmar que passaria ensinar as crianças seguindo somente estes níveis evolutivos pois os mesmos são um processo natural que elas por ele passarão qualquer que seja a forma de ensino utilizada desde que se privilegie a linguagem enquanto objeto de uso sociocultural. O decorrer desta atividade foi bastante angustiante, e com enormes dificuldades pois muitas crianças se mostraram relutantes em fazer o que se estava pedindo pois afirmavam que não sabiam escrever, não sabiam o que fazer, entretanto tentei encorajá-las o melhor que pude, assim todas foram fazendo mesmo que com muita dificuldade e por vezes copiando o que outro colega estava fazendo, os mais rápidos ou os poucos que tinham feito em casa e já tinham algum domínio da escrita passaram a ajudar os colegas que ainda não sabiam e no final eu pude obter um trabalho

razoavelmente satisfatório que me auxiliou muito na preparação de atividades futuras, enfim saber o caminho a tomar, o que eu poderia então fazer.

Sem me estender muito além do que as crianças entenderiam e sem também estar fazendo trabalhos fúteis que não adiantariam em nada no processo de aprendizagem dos mesmos, o que foi desde o início do estágio no semestre passado pretendi levar em conta, o que me deixou um pouco confusa em relação ao comentário escrito no meu relatório passado feito pela monitora que dizia o seguinte " não se preocupe com as dificuldades ou preocupações dos alunos procure seguir um único caminho ..." , como disse anteriormente na minha prática acho fundamental me preocupar com a aprendizagem dos alunos e não seguir um único caminho sem levar em conta as suas dificuldades, acho viável no meu caminho fazer alterações quando necessárias para a condução de um trabalho que possibilite a aprendizagem tanto minha como também dos alunos.

Objetivos : além de trabalhar leitura e escrita, subsidiar e implementar as áreas de estudos sociais, e educação artística (e desenvolver áreas que possam ser utilizadas na área de alfabetização) aproveitando a semana do Folclore que estava sendo trabalhada na escola. trabalhar aproveitando o lúdico muito presente ainda em suas vidas como motivação para a aprendizagem.

Descrição da atividade: Após o planejamento do dia, as crianças escolhem os cantinhos que pretendem começar o trabalho para possibilitar o trabalho com as letras moveis, Esta atividade se realizaria no cantinho de leitura. Em seguida fiz alguns questionamentos para introduzir o tema, que basicamente se resumiram no que elas entediam por folclore, se elas sabiam quem era o saci o que obtive muito mais respostas a segunda pergunta , respostas essas que até se expandiram do campo da fala , algumas crianças começaram a pular pela sala com uma perna só.

Posterior a isso comecei a fazer a leitura da estória, parando para ouvir os inúmeros comentários dos alunos sobre a estória e também para lhes ir mostrando as imagens do livro, quando terminei começou por iniciativa das próprias crianças discussão sobre a estória o que mais tinham gostado, o que eles tinham achado engraçado, Depois pedi que eles desenhassem o que haviam discutido, de inicio muitos se mostraram satisfeitos com o que havia sido pedido porém outros devido a falta de um modelo para cópia afirmavam que não sabiam desenhar, era muito difícil por isso tentei com que eles fizessem do jeito deles discutissem com os colegas como fazer se ajudassem por isso estavam sentados em grupos, além de que ficou combinado que o livro iria estar passando por eles para que fosse consultado a vontade, nisso todos se propuseram a efetuar o que foi pedido. muitos desenhos se tornaram muito iguais no grupo além de outros que queriam copiar os do livro o que não foi possível pois todos queriam olhar o livro para lembrar de alguma parte da estória esquecida, assim achei que poderia ter corrido melhor se houvesse mais exemplares do livro na turma. Após a confecção do desenho passamos para a fase da escrita propus-lhes que escrevessem o título da estória primeiro com as letras moveis depois na folha onde haviam feito o desenho. A escolha da escrita do título veio da necessidade de se manter um modelo de escrita estável e para finalizar se deveria comparar com o título original fazendo-as refletir e perceber as diferenças e semelhanças encontradas.

A segunda parte da aula foi reservada para a confecção do saci, para isso foram utilizados os seguintes materiais: cartolina, lápis de cor, cola, palitos e tesoura, alguns desses materiais foram levados por mim e outros da própria escola e alunos.

Sétima atividade, foi realizada buscando superar algumas dificuldades que surgiram durante a aula anterior.

Tema: escrita a partir de anúncios.

Objetivos: observar as estratégias das crianças; criar uma situação de aprendizagem que as faça refletir sobre o que escrevem e a ajudem a avançar em seus conhecimentos; A partir do trabalho em grupo 2 ou 4 pessoas criar situações de interação entre elas de modo a fazê-las discutir o que irão escrever até chegar a um acordo sendo necessário prestar atenção nas escolhas dos grupos.

Descrição da atividade: reuniu-se após a realização das duplas todos os jornais, garrafas de refrigerantes (que foram utilizadas em outra aula para a elaboração de tartarugas recicladas) algumas revistas que foram trazidas pelas crianças de suas casas. pedi-lhes que recortassem alguns anúncios, nomes de produtos, propagandas e colassem em folhas de papel branco e em seguida com as letras móveis escrevessem algumas palavras que depois iriam estar escrevendo no papel em branco. apesar do trabalho ter sido pendurado nas paredes da turma no final , foi uma das atividades que mais apresentou problemas não só relacionados a questão central a escrita, como também a própria organização da classe, Mas o mais preocupante é que a questão da escrita meio que se perdeu na elaboração do trabalho, por um lado tinha resolvido o problema de falta de materiais mas ao mesmo tempo a falta de um modelo estável de escrita fez com que se perdesse o fundamento da própria atividade.

Segundo Abaurre existe uma grande importância e necessidade infantil de partilhar experiências de leitura, de se falar da relação que existe entre certos textos e seu leitores A literatura é uma das melhores maneiras de se trabalhar a leitura dentro da sala de aula. Afinal a leitura não é apenas uma tarefa mecanizada, descontextualizada, enfim uma atividade escolar, mas sobretudo uma atividade vital nos dias de hoje e que deve ser desde cedo nas séries iniciais e Pré-Escolas, ser trabalhada de forma significativa , plena de significação; deve haver uma associação entre leitura e prazer, enfim segundo a mesma autora uma fonte inesgotável de experiências insubstituíveis.

Oitava atividade, Esta atividade retomou alguns aspectos da aula anterior que considere relevantes para a alfabetização em sala de aula.

A atividade: Escrita de títulos com letras móveis.

Tema: O rei Leão.

Descrição da atividade: Foram realizados os mesmos procedimentos da segunda aula embora nesta aula tenha havido maior receptividade dos alunos pois quase todos já haviam visto o filme, isso fez com que prestassem mais atenção durante a leitura do livro mostrando as diferenças do filme e o livro alguns mesmo se antecipavam a contar o que iria acontecer na próxima página mas como o livro é uma condensação/adaptação do filme nem sempre era o que eles falavam que acontecia o que despertou maior interesse, o melhor de tudo é que desta vez a confecção dos desenhos não precisou de uma motivação "extra da minha parte" eles partiram para os desenhos rapidamente descrevendo nos mesmos partes do filme e do livro mais importantes e ou significativas para eles, na hora da escrita a coisa se manteve o que os levou não só a escreverem o título da estória como também o nome de alguns personagens entre outras coisas. O trabalho realizou-se em menos tempo o que facilitou bastante, pois em seguida assistimos o filme " Simba o rei leão" que a escola possui a fita, porém o filme foi assistido na turma mesmo, com uma TV "suplente ", na sala de vídeo penso que teria sido bem mais confortável, além da própria disposição da TV. depois do filme os alunos ainda queriam discutir o que eles tinham feito antes do filme, e modificar algumas coisas no desenho, não deu muito tempo mas foi realizado o possível . Outro ponto que achei muito importante é que certos alunos que devido a sua condição econômica não tiveram possibilidade de assistir o filme ficaram muito satisfeitos e em parte bastante motivados com exercício realizado no geral.

Segundo Abaurre existe uma grande importância e necessidade infantil de partilhar experiências de leitura, de se falar da relação que existe entre certos textos e seu leitores. A literatura é uma das melhores maneiras de se trabalhar a literatura dentro da sala de aula. Afinal a leitura não é apenas uma tarefa mecanizada, descontextualizada, enfim uma atividade escolar, mas sobretudo uma atividade vital nos dias de hoje e que deve ser desde cedo nas séries iniciais e Pré-Escolas, ser trabalhada de forma significativa, plena de significação; deve haver uma associação entre leitura e prazer, enfim segundo a mesma autora uma fonte inesgotável de experiências insubstituíveis.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DAS ATIVIDADES:

Muitas vezes se pensa em Pré-Escola como um espaço para preparação da criança para a primeira série, e assim erroneamente em algumas Pré-Escolas se passam imensos conteúdos não respeitando a própria particularidade da criança e estágios de desenvolvimento infantis a que ela se enquadra, exige delas, uma quantidade de atividades absurdas que em vez de contribuírem para o seu aprendizado apenas se tornam em um empecilho. Parece que se crê numa criança "depósito, onde se podem apenas acumular saberes.

É comum ouvir-se que a criança deveria sair da pré-escola já alfabetizada.

A alfabetização escolar ao longo da história do homem passou por enormes modificações.

Dentro do modelo tradicional de educação tem passado por uma grande dicotomia entre a escrita da vida e a escrita da escola, decodificação

diferente de compreensão. Atualmente, faz-se necessário que a alfabetização pela escola ultrapasse essas dificuldades; alfabetizar deve significar, condição para o pleno exercício de cidadania, e não apenas a mera decodificação de signos ou códigos lingüísticos; alfabetizar deve ser condição de desenvolvimento de funções cognitivas que permitam pensar e agir sobre o mundo de maneira independente, crítica e criativa.

Deve-se pensar alfabetização enquanto ligada ao seu sentido amplo, ligado a questões sociais, ao mundo exterior e ao seu sentido restrito voltado para o indivíduo, trabalhando-se com os significados que cada um faz. No PROEPRE procurei ainda fazer o uso de atividades que se referissem a capacidade para criar e compreender mensagens impressas, relacionando, pois, a alfabetização com escolarização, mudança cognitiva(longo prazo) desenvolvimento econômico(efeitos amplos para a sociedade).

Ler e escrever são atos lingüísticos por isso o professor deverá estar ciente de que a fala (linguagem oral) que cada criança traz consigo para a escola não deverá ser ignorada, e que se constitui muitas vezes de variedades lingüísticas distintas, herança de sua classe, região, etc.; e que muitas vezes se afasta ou difere da língua padrão e conseqüentemente da língua escrita. Tudo isto nos deixa alerta para a questão do "erro".

Porém a escola enquanto instituição atuando na reprodução político - social incorpora em si certos preconceitos em relação a essas variações lingüísticas, rotulando os seus alunos pelos diferentes modos de fala, não admitindo o diferente, adotando apenas o certo e o errado, prevalecendo o domínio das crianças dos meios letrados dominantes da língua padrão em detrimento daqueles que não pertencem a este meio (valores sociolinguísticos).

A psicologia com as suas diferentes teorias contribui para o processo de alfabetização escolar.

A teoria construtivista, que tem como seu precursor Piaget, realizou estudos sobre o processo de representação na criança da concepção de conhecimentos da epistemologia genética; destaca-se a construção do conhecimento através da experiência sensorial e o emprego do raciocínio pelo sujeito que estabelece uma relação com o objeto. A partir de uma "inteligência" prática chega a construção de representações pré-conceitual - pensamento egocêntrico - (numa primeira fase) e depois conceituais propriamente ditas - pensamento lógico.

" A escritura é uma busca do sentido que ela mesmo repele. É um duplo movimento: para o sentido, dissipação do sentido.(...) Não há fim, tudo tem sido um perpétuo recomeçar. Isto que digo é um contínuo dizer aquilo que vou dizer e que nunca acabo de dizer: sempre digo outra coisa. (...) A busca do sentido culmina na aparição de uma realidade que está além do sentido à sua abolição para que surja uma realidade que, por sua vez, se dissipa."(Otávio Paz, 1988, p.121)

Segundo Assis a tarefa da Pré-Escola é antes de tudo, contribuir e criar possibilidades para que a criança ao nível endógeno construa as suas estruturas mentais que são a condição da aquisição do conhecimento da matemática e do próprio meio em que ela vive.(Assis, 1993)

Por isso o trabalho no PROEPRE é na maioria das vezes representado por jogos e brincadeiras.

Segundo Piaget o Jogo é uma forma de atividade particularmente poderosa para estimular a vida social e a atividade construtiva da criança.

Ele é uma realidade do cotidiano na vida da criança, serve para que elas possam exercitar sua imaginação (permite que a criança se relacione com o meio/ mundo - universo dos adultos - que pouco conhecem suprindo suas necessidades) , seus desejos, sentimentos agressivos, conhecerem-se a si mesmas, incluam-se num grupo; enfim construir seus valores sociais e morais.

A aplicação de jogos auxiliam o desenvolvimento social e cognitivo da criança. O trabalho em grupo exige da criança coerência .

As crianças se interessam muito por atividades de jogos , por isso é cada vez mais necessário trabalhar, fazer jogos em que a criança aprende matemática, leitura, ciências, etc., de forma lúdica.

A intenção do PROEPRE, por trás dessas situações de jogo é a de fazer com que muitas das atividades escolares, maçantes e pesadas se tornem mais digeríveis, se transformem em formas mais prazerosas e claras para a criança aprender, e portanto ela se empenha muito mais.

As situações do jogo possibilitam que o aluno formule idéias, experimente-as, execute-as e isso seria construir o seu próprio conhecimento. O PROEPRE pretende que a criança seja a criadora de sua própria aprendizagem.

Atividades espontâneas e investigações, descobertas são também propostos pelo PROEPRE à criança, resgatando da modernidade o caracter de desenvolvimento, invenção.

AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES E DO TRABALHO PEDAGÓGICO:

No geral as atividades realizadas (inclusive as que não estão sendo aqui descritas pois se relacionaram com outros temas de ação e que não são alvo deste trabalho) foram realizadas com bastante empenho, vontade de acertar e dedicação embora nem sempre tenham sido as mais corretas ou ainda por vezes não tenham atingido os objetivos propostos. Mas as que resultaram positivamente, serviram de chave fundamental para o melhor desempenho de atividades futuras, e auto-correção dos erros cometidos. Ao Repassar no final do dia o que deu certo e errado, a criança reflete uma tomada de consciência das ações, e noção temporal, construção de uma auto- estima positiva, além de respeitar a privacidade do aluno, A criança deve falar o quiser. É um momento de repassar o planejamento (individual, coletivo) .

Retomando a questão da interdisciplinaridade, que tinha de início marcado a minha atuação no estágio, mas que foi deixada de lado por determinações decorrentes do cotidiano escolar, o progresso na aquisição do conhecimento é, para Piaget, interdisciplinar, uma vez que se agrupam e reagrupam em torno das realidades comuns.

" Cada disciplina emprega parâmetros que são variáveis estratégicas para outras disciplinas " (Piaget 1973, p.17).

Este conhecimento, enquanto organização vital do sujeito, constrói-se segundo fatores de maturação biológica, experiências físicas e lógico - matemáticas, transmissão social e equilíbrio (regula a influencia dos três outros fatores por um processo interno, do sujeito, de diferenciação e coordenação para a adaptação ao meio, constituindo um mecanismo regulador do conhecimento, no qual o sujeito empreende uma oposição ativa, como compensação às intervenções perturbadoras sofridas ou previstas por antecipação tanto orgânica quanto cognitivamente). A psicologia é aqui utilizada como instrumento de análise de problemas específicos para uma teoria do conhecimento.

Como objetivo do trabalho com a interdisciplinaridade, se coloca propor ações interdisciplinares - interdisciplinaridade aqui compreendida como um ato de troca, de reciprocidade entre as disciplinas, ciências / áreas de conhecimento para concepção de conhecimento / projeto único - que se oporiam aos currículos organizados pelas disciplinas tradicionais que levam o aluno à um acúmulo de informações de que pouco ou nada valerão na sua vida profissional, (à sistematização) atomização do conhecimento, às fronteiras entre disciplinas. A interdisciplinaridade perpassa diferentes elementos do conhecimento, pressupondo a integração entre eles, marcada essencialmente por um movimento interrupto, criando ou recriando outros pontos para a discussão.

As atividades foram basicamente o trabalho com histórias infantis, desenhos, vídeo, etc., dos quais anexarei a este relatório registros; é importante também realçar que nem sempre a execução dos mesmos seguiram os objetivos propostos por mim, o que ao mesmo tempo provocou tanto estímulo para maior empenho na busca de melhores soluções, como também por vezes causavam um certo desânimo .

Passando agora para a questão da avaliação, os erros cometidos pelos alunos não podem, de modo algum, ser assinalados, riscados ou substituídos pela resposta "certa".

Pesquisando o raciocínio do aluno na elaboração da solução é que se pode encontrar o modo pelo qual caminha o seu raciocínio, o ponto "ótimo" em que se encontra e onde se obstaculizou a construção do seu conhecimento. No resgate do erro, muitas vezes o próprio sujeito consegue localizar sua dificuldade e, com ajuda do "professor", alcançar a superação de si mesmo.

Outras questões foram registradas, no ensino de matemática . Foi também ponto de interesse rebuscar a questão do lúdico durante as aulas de educação física, ou seja, estar preocupada com o corpo mas sem a obrigatoriedade, o autoritarismo que centraliza apenas na forma física, fato que nos mostra indícios de uma educação de herança militar; a atenção em meu trabalho se orienta mais para os jogos, brincadeiras, competição, bem como buscar dos alunos a motivação para seus próprios interesses.

Outro tema na educação, a sexualidade humana, é também ponto de análise. Foi verificado que muitos dos padrões e atuações sociais discriminatórias em relação à gênero são também criadas na escola (sexualidade - aspecto psicológico e social), se contrapondo ao mito da neutralidade: escola deve ser neutra, asséptica, conduzida por pessoas que evitariam comprometer-se com a discussão de valores, limitando-se a ficar no terreno dos fatos.

O fato, porém, é que essa escola não existe, porque seu próprio silêncio sobre determinados temas ou problemas indica um compromisso terrível: o de não comprometer-se com a transformação da ordem para que tudo continue como está.

A educação sexual pode e deve ter na escola um de seus espaços. A sexualidade como parte integrante dos seres humanos, com suas sensações, conflitos e relacionamentos sociais. A educação sexual deve ser entendida como toda a ação de ensino - aprendizagem sobre a sexualidade humana, seja ao nível de conhecimento de informações básicas, seja ao nível de conhecimento e/ ou discussões e reflexões sobre valores, normas, sentimentos, emoções e atitudes relacionados à vida sexual.

Efetivamente, a principal tarefa da Educação Sexual é substituir a monótona atitude de curiosidade pelas coisas do sexo por uma atitude nova, de respeito e inteligência (Naumi Vasconcelos, 1994).

A sexualidade é um ponto conflituoso, controverso e pouco conhecido do ser humano. A nossa cultura lida mal com esse importante aspecto da vida e, para agravar, cria modelos estanques nos quais pretende encaixar e classificar as pessoas. Esses moldes, muitos dos quais baseados apenas no preconceito e na falta de informação, não nos permitem que sejamos exatamente aquilo que somos ou poderíamos ser.”(Ronaldo P. da Costa, 1994).

A escola deve possibilitar que a criança fale sobre sexualidade e assim abrir um canal para construção de seus conhecimentos.

Assim, o professor aparece como mediador nesta tarefa, através de músicas, histórias, poesia, filmes, facilitando o clima de descontração, desencadeando processos complexos de compreensão da realidade.

“Igualdade de direitos e oportunidades entre homens e mulheres, desenvolvimento da afetividade e da sexualidade que possibilitem efetivas relações interpessoais alicerçadas em personalidades autônomas e

críticas, respeitando para serem respeitadas, devem fazer parte do discurso e da ação da escola e da sociedade”(Cláudia Ribeiro,1996).²

Ainda sobre a avaliação, é feita no PROEPRE em cada dia de aula uma avaliação pelos alunos e professores da classe onde a reconstituição de tudo o que aconteceu durante o dia é muito importante para a evocação e coordenação das ações que constituem os passos iniciais dos processos de “abstração reflexiva”. Evocando as ações realizadas durante as diferentes atividades, estabelecendo relações entre elas, as crianças poderão chegar a deduções e conclusões referentes à construção do conhecimento da moralidade, e também que dizem respeito às interações sócio- afetivas que refletem o relacionamento entre os pares e entre as crianças e a professora .

Outro tema de interesse que abordarei, é a motivação, que foi deixada para o final pois ela se integra e se encontra na realização de todas as tarefas acima apontadas; acredita-se que a motivação para a aprendizagem não está fora, mas dentro do sujeito, e é imprescindível que lá se vá buscar.

² Ribeiro, pag.22, 1996

IV- A Infância e a modernidade

Segundo Ariés, na sociedade Medieval o sentimento de infância não existia, ou seja não existia a consciência da particularidade infantil aquilo que distingue a criança do adulto; assim, logo que a criança tivesse condições de viver sem a ajuda constante da mãe ou ama, ela ingressava na vida dos adultos não se distinguindo mais destes. E essa indeterminação da idade se estendia a toda a atividade social.

A criança muito pequenina, demasiado frágil ainda para se juntar a vida dos adultos não contava porque podia desaparecer, as que superassem esse período de alto nível de mortalidade, em que sua sobrevivência era improvável, se confundia com os adultos.

Posteriormente , um novo sentimento de infância (paparicação) surge no meio familiar, devido a ingenuidade, gentileza e graça das crianças tornando-as uma fonte de distração, relaxamento para os adultos. Um outro sentimento o de exasperação / repugnação, embora muito mais estranho muitos autores o consideram inovador e moderno, surge de uma fonte exterior a família: dos eclesiásticos ou dos homens da lei, raros até o século XVI e de maior número de moralistas no século XVII, preocupados com a disciplina e a racionalidade dos costumes(preservar e disciplinar), se denotando a necessidade de separar as crianças dos adultos.

É pois, entre os moralistas e os educadores do século XVII que se formula outro sentimento de infância que inspirou a educação até o século XX, em todos os níveis sociais e situacionais. O apego à infância se exprimia agora através do interesse psicológico e da preocupação moral. Tentava-se penetrar na mentalidade das crianças para melhor adaptar a seu nível e métodos de educação (associação da doçura e razão) com o fim ou preocupação de fazer destas crianças pessoas honradas e probas e homens racionais(Ariés, 1979 p. 156-168)

No século XVIII, encontramos esses dois sentimentos associados a um novo: a preocupação com a higiene e saúde física.

Tudo o que se referia as crianças e à família tornara-se assunto sério e digno de atenção; não sendo preocupante apenas o futuro da criança, mas também sua presença e existência. Ganhando assim um lugar central dentro da família.

Um novo lugar é assumido pela criança e a família em nossas sociedades industriais; no final do século XVII a escola substitui a aprendizagem "direta " como meio de educação, a criança deixa de ser misturada com os adultos, começando então um longo processo de enclausuramento das crianças que se estende até aos nossos dias.

Assim, surgem várias formas de ensino dentro dessa nova perspectiva nas escolas.

Deste modo, para trabalhar com uma metodologia de orientação construtivista são necessários novos parâmetros.

Segundo Margarita Gomes Palacio isso se dá pois as práticas pedagógicas evoluíram durante os últimos anos, novas teorias, modelos e práticas se tornam necessários para melhor se atenderem as novas características da sociedade, do mundo do trabalho, enfim das próprias crianças.

Assim, é necessário que se aceite os novos paradigmas, de modo a obter maiores e melhores êxitos na educação.

Vivemos em uma época cujas contínuas transformações de carácter político e social estão profundamente aceleradas, com reflexos que afetam significativamente as organizações de trabalho, qualquer que seja o setor

em que operem, obrigando-as a serem competitivas em qualidade e produtividade.

Numa breve avaliação histórica sobre esta competitividade e produtividade entre as organizações, percebe-se que os investimentos e a preocupação com a qualidade não são privilégios deste século, nem de determinadas organizações ou segmentos produtivos específicos, há muito se busca a qualidade através da produção de bens e serviços, como também na relação fornecedores e clientes.

A diferença em relação ao momento atual esta no nível de qualidade que se quer, assim iniciamos os anos 90, repensando conceitos, modelos e técnicas comportamentais de administração de recursos humanos e técnicos.

Tendo como ponto de partida esta problemática, sabemos que ela produz desigualdades, problemas sociais decorrentes muitas vezes dessas desigualdades, além do desemprego, pobreza e muitos outros males que afligem hoje não só a sociedade Brasileira atual como também no âmbito Internacional.

Se por um lado os avanços tecnológicos vem se evidenciando, por outro lado as condições políticas traduzidas nos mencionados conflitos, disputas e jogos de interesses tornaram a situação mais adversa.

Nenhuma sociedade se afirma sem o aprimoramento de sua cultura, da ciência, da pesquisa, da tecnologia, do ensino. E tudo isso começa na pré- escola. (Paulo Freire, 1997)

Sabe-se que é grande o índice de indivíduos (adultos e crianças) fora das instituições educacionais. O seu acesso é escasso e/ou falho em muitos casos e a demanda, a competitividade e eficiência são requisitos para o mercado de trabalho cada vez mais rígido.

Mas o que fazer com aqueles que por os mais diversos e controversos motivos não tiveram acesso, ou se afastaram das instituições escolares, na infância e se tornaram adultos necessitando entrar neste mercado de trabalho cada vez mais competitivo?

Hoje em dia, está havendo uma mudança civil da conceituação de infância: o lúdico passa a ser cada vez mais uma mercadoria. As crianças não têm mais contato com as brincadeiras de rua, há uma ênfase no conhecimento e o aumento da agressividade.

A nossa sociedade trocou o ser pelo ter, a criança da classe média tem atualmente a infância estruturada de acordo com a sociedade neoliberal. Os pais fazem com que os quartos dos filhos se pareçam com um escritório muito bem equipado onde se encontra tudo o que precisa (Ghiraldelli, 1996).

Eles se esquecem da importância de se viver a infância "como uma fase natural da vida", que ela vai muito além das conversas na Internet e dos programas de televisão apesar de não as excluir. Fernandes³ sugere que ao invés dos adultos perseguirem as crianças em busca da realização de sonhos frustrados, deveriam deixá-las viver a própria vida.

Ghiraldelli assenta que o ser criança atualmente é definido pela mídia, uma vez que estas são "meras consumidoras" e que a infância como fase natural acaba por desaparecer.

O mesmo autor citado no parágrafo anterior garante que " no mundo contemporâneo, a infância desaparece, ou seja, não acontece" e vai mais além dizendo que ela nunca existiu de "forma substancial".

³ Fernandes. Apud GHIRALDELLI, 1997; pág. 61

A agressividade entre as crianças tem aumentado cada vez mais, recentemente vimos na televisão e nos jornais, muitos casos de violência em escolas ou fora delas envolvendo crianças se registram também no Brasil. De acordo com Ghiraldelli, isso dá-se porque perdeu - se o sentido do limite entre morto e vivo, gerando a " redescoberta da liberdade : liberdade de ser cruel". De acordo com Fernandes⁴, atualmente é moda dizer que "lugar de infância é na escola" e ela vai definir a criança como sendo "imaginária fraturada" . Uma escola que se ao mesmo tempo precisa da criança para ensinar, precisa dela também para observar e punir nos momentos de deslizos, uma escola que exclui constantemente pobres e os "que não conseguem aprender" .

Ao atestar que "lugar de criança é na escola", a sociedade de modo geral se esquece das crianças que não têm infância. Crianças essas que não freqüentam escola porque necessitam trabalhar, já que os pais não têm condições de mantê-las estudando. Esquecem também de meninas que iniciam na prostituição infantil em números cada vez maiores e também cada vez mais cedo, por escassez de apoio da sociedade. Isso segundo Fernandes⁵ pode ser chamado de "infanticídio sem culpa".

Margarita acrescenta ainda que a escola deveria funcionar como um espaço catalisador de múltiplos ensinamentos onde a criança recebe em amplos espaços como família, rua, comunidade, através dos meios de comunicação de massa, Tc (Palacio, 1995).

⁴ GHIRALDELLI, 1997; pág. 62

⁵ GHIRALDELLI, 1997, pág. 73

V- CONCLUSÃO:

“A metodologia piagetiana valoriza em muito as interações sociais entre as crianças, e entre estas e o adulto, pois elas constituem fontes de conflitos cognitivos que provocam a passagem do estágio pré-operatório para os estágios mais avançados. As interações sociais geram conflitos, quando uma determinada situação suscita, simultaneamente, respostas contraditórias e o sujeito vê suas afirmações negadas pelas afirmações dos outros. É nessas situações que o sujeito percebe suas contradições, e isto o obriga a ultrapassar seu pensamento egocêntrico. A vida em grupo exige que o sujeito seja coerente consigo mesmo, quando ele se contradiz, os elementos do grupo se encarregam de mostrar-lhe sua contradição “ (Assis, pg.47, 1993).

Para aprender pensando, a criança precisa de um professor que ensine pensando e não de alguém que seja, um mero aplicador de técnicas e métodos que não compreende.

O jogo é uma forma de atividade particularmente poderosa para estimular a vida social e a atividade construtiva da criança (Piaget, 1968).

Jogar é também parte do cotidiano na vida da criança, serve para que elas possam exercitar sua imaginação (permite que a criança se relacione com o meio/ mundo - universo dos adultos - que pouco conhecem suprimindo suas necessidades),seus desejos, sentimentos, medos, agressividade, conhecer a si mesma, incluir-se num grupo; construir seus valores sociais e morais, etc.

Assim, é importante o trabalho com jogos que podem garantir a satisfação, prazer ao realizar certas atividades, que geralmente partem de nossos próprios interesses, vontades, desejos, mesmo que muitas vezes exijam desempenho de atividades penosas. Por exemplo a participação das crianças nas escolas com muito prazer em atividades desportivas.

O jogo em grupo pode ser usado para promover o desenvolvimento cognitivo e sócio moral. Promove a cooperação. Mas não será prazeroso ter

que aprender as regras dos jogos e não poder jogá-los, como acontece na maioria das escolas . “ É a ação que dá significado as coisas ”(Fernando Becker, 1997).

Em conclusão:

- Responder a critérios definidos por uma pedagogia social crítica aliada a princípios democráticos, partindo de uma concepção de desenvolvimento que situa os alunos no seu contexto social, cultural, ambiental, cultural e, mais concretamente, no contexto das interações que estabelece com o mercado de trabalho, sociedade global como um todo (atenção a estas mediações, sua identidade, seus conhecimentos, sua percepção de mundo, sua moral, suas necessidades, padrões e valores da cultura e da sociedade/ comunidade em que cada indivíduo se encontra).
- Procurar a identificação das necessidades a serem supridas pelo processo de desenvolvimento educacional para que o aluno possa atuar em organizações de acordo com a perspectiva de qualidade total, priorizando a importância de sua formação, seriam, em resumo, os princípios Proeprianos a que associo a modernidade.

Trata-se pois, de encontrar contextos reais nos quais as noções que se quer ensinar adquiram um significado; contextos que não sejam eles mesmos absurdos, mas sim que tenham sentido não apenas para as pessoas adultas, mas sim também para a criança que queremos que manuseie os conceitos.

Não se trata, de oferecer um mundo infantilizado, mas de pô- lo ao seu alcance; dando à criança a oportunidade de participar deste mundo.

Muitos historiadores e sociólogos denominam modernidade como um conjunto de mudanças muito complexas pelos quais as sociedades humanas passam, embora de maneira muito desigual e conforme formas de disseminação também muito variadas.

A modernidade reduzida às suas expressões mais simples, a modernização, pode caracterizar-se como um processo de mobilização, diferenciação e laicização.

A teoria de Piaget nos ilustra o conceito de desenvolvimento e de estruturas, analisa cada estrutura bem como a maneira como se passa de uma estrutura - complexa a outra mais bem acabada, e insiste sobre o papel ativo da criança e a ação transformadora no objeto de conhecimento através dessa ação transformadora.

Sendo assim o PROEPRE deveria:

- Ser um espaço para aceitar diferentes idéias, conteúdos e formação infantil;
- Ter Áreas de estudo(cantinhos) motivadores e interessantes para criança;
- Propor Atividades que estimulem o desenvolvimento harmonioso das faculdades físicas, mental e moral;
- Criar condições para que o aluno haja, crie invente e apresente suas idéias;
- Possuir um ambiente natural, feliz com trocas de experiências.

Nos limites deste trabalho, sem a intenção de esgotar o assunto e aprofundar as possibilidades e limites de uma proposta como o PROEPRE, procurei estabelecer relações que podem indicar caminhos para investigações futuras.

Referencias Bibliográficas:

- * ASSIS, Orly Zucatto Mantovani de. Uma nova Metodologia de Educação Pré- Escolar. 7ª ed.- São Paulo: Pioneira,1993.
- * BENJAMIM, Walter. Modernidade e os modernos; Rio da Janeiro- RJ: Edições Tempo Brasileiro, 1975.
- * EISENSTADT, Shmuel N. Modernização e mudança Social; Belo horizonte- MG: Editora do Professor, 1968.
- * HARVEY, David. Condição Pós- Moderna: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural, São Paulo- SP: Editora Loyola, 1993.
- * IANNI, Octavio. A Sociologia e o Mundo Moderno; São Paulo- SP: Editora Educ, 1988.
- * KUMAR, K. Da Sociedade Pós-Industrial à Pós-Moderna: Novas Teorias Sobre o Mundo Contemporâneo, Rio de Janeiro- RJ: Ed. Jorge Zahar, 1997
- * KURTZ, Robert. O colapso da modernização, Rio de Janeiro- RJ- 4ª ed: Editora Paz e terra, 1996.
- * MANACORDA, Mario. História da Educação: Da antigüidade aos nossos dias; 5ª ed.- São Paulo- SP: Cortez, 1996.
- * ORTIZ, Renato. Cultura e Modernidade; São Paulo- SP: Editora Brasiliense, 1991.
- * ROUANET, Sérgio Paulo. As razões do iluminismo; 5ª reimpressão – São Paulo- SP: Companhia das Letras, 1987.

- * WEISZ, Telma. Como se aprende a ler e a escrever ou prontidão um problema Mal colocado. In Revendo a proposta de alfabetização; São Paulo: SE/CEMP, 1985,PP. 25-42.